

Grécia Antiga

João Pedro Ricaldes

O individualismo grego contrasta com o coletivismo egípcio. Enquanto no Egito Antigo predomina um Estado centralizado presente em todas as atividades cotidianas (do trabalho ao culto religioso), a Grécia Antiga desconhecia um governo único, pois cada cidade era um “país” independente, com estrutura econômica, política e leis próprias. Desconhecia até mesmo a existência de uma casta de sacerdotes. Neste contexto desenvolveu-se uma cultura tão criativa, crítica e sofisticada que até mesmo o invasor romano adotou a cultura do invadido, fato único na história da humanidade

As características geográficas da região ajudam a explicar a especificidade do mundo grego. A combinação de solo pobre, relevo montanhoso e litoral acidentado favorecem a formação de uma economia comercial e marítima, com uma estrutura política descentralizada (polis ou cidades-estados).

A partir do século XX, esta região foi ocupada por povos indo-europeus: aqueus, jônios e dórios. Estes últimos, marcadamente violentos, provocaram a escravização ou a fuga da população para a Jônia (atual Turquia).

Aqueles que conseguiram se manter independentes dos invasores dóricos foram forçados a se organizar em comunidades fechadas e autossuficientes, os Genos.

Ocorre que a sobrevivência em solo pobre provoca nova onda de escravização (por dívida) e nova fuga, agora para diferentes pontos do litoral do Mar Mediterrâneo (Sicília, sul da França e da Espanha; Norte da África e Mar Negro).

Assim, com mão-de-obra originada da guerra ou de dívidas consolida-se o modo de produção escravista em toda a Grécia, entre os séculos VIII e VI a.C.

Mas cada cidade manteve sua autonomia, seja no regime da Oligarquia (como Esparta), seja no regime da Democracia (como Atenas).

A independência das cidades fica explicitada nas profundas diferenças entre estes dois modelos. Esparta é uma sociedade militarizada sob controle da elite de esparciatas.

Atenas é uma cidade com grande mobilidade social e com um Estado disputado entre grandes proprietários (os georgóis) e comerciantes (demiurgos) com a participação de pequenos proprietários rurais e homens pobres da cidade. Só não participam da democracia ateniense as mulheres, os escravos e os nascidos fora de Atenas (os metecos).

O auge da história grega (período clássico, séculos VI a IV a.C) foi marcado pelas principais produções culturais e por duas guerras. As Guerras Médicas (490 – 448 a.C), contra os persas de Dario e Xerxes, foram iniciadas na Jônia. Pela primeira vez as cidades gregas se unem (a Confederação de Delos), sob a liderança de Atenas, e derrotam os persas. A vitória grega sobre inimigo tão poderoso foi possibilitada por dois fatores: a unidade e a tática naval.

Após a vitória grega, Atenas usa Delos para continuar a cobrar os impostos de guerra, utilizando, assim, recursos econômicos das cidades aliadas para embelezar sua própria cidade, garantir o bem-estar e o ócio dos cidadãos atenienses, além de aumentar as atividades comerciais

A segunda guerra do período foi a Guerra do Peloponeso: Esparta lidera as cidades que rejeitam o imperialismo ateniense e Atenas é derrotada.

Aproveitando o longo período de guerras internas (Peloponeso) e externas (Médicas), os macedônios dominam a Grécia. A Macedônia (Alexandre) inicia a fusão cultural (Helenismo) entre o Ocidente grego e Oriente persa até o domínio romano sobre a Grécia (séc II a.C.).